



## SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0234/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA  
RIADE, 29/08/2025**

### O Rei Salman chegou a Riade vindo de Jeddah



O Rei Salman da Arábia Saudita.

O Rei Salman chegou ontem quinta-feira a Riade vindo de Jeddah, informou a Agência de Imprensa Saudita.

O Rei foi recebido no Aeroporto Internacional Rei Khalid pelo Vice-governador da região de Riade, Príncipe Mohammed bin Abdulrahman bin Abdulaziz. **Fonte-Arab News.**

## Mimistro das Relações Exteriores saudita conversa com homólogo italiano



O ministro da Justiça, Príncipe Faisal bin Farhan, e o Vice-primeiro-ministro e ministro das Relações Exteriores da Itália, Antonio Tajani, se reuniram em Roma, em 28 de agosto de 2025.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, reuniu-se ontem quinta-feira em Roma com o Vice-primeiro-ministro e ministro das Relações Exteriores da Itália, Antonio Tajani.

As duas partes mantiveram conversas com foco no fortalecimento das relações sauditas-italianas em vários campos. Eles também enfatizaram a importância da coordenação contínua em questões regionais e internacionais e do apoio a soluções pacíficas e esforços para acabar com os conflitos, inclusive em Gaza. Eles enfatizaram a importância de tomar todas as medidas para fornecer ajuda humanitária e de socorro à Faixa de Gaza em plena cooperação com as partes internacionais. Os dois lados elogiaram o desenvolvimento das relações econômicas entre os países, com o volume de comércio atingindo mais de US\$ 12 bilhões em 2024, e esperam mais progressos na cooperação econômica. **Fonte-Arab News.**

## Reino da Arábia Saudita e Itália condenam Israel pelos últimos deslocamentos em Gaza



Ministro das Relações Exteriores da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan.

O Reino da Arábia Saudita e a Itália "rejeitaram inequivocamente" ontem quinta-feira o deslocamento de palestinos em Gaza, enquanto Israel intensificou o bombardeio da Cidade de Gaza. "Os princípios de não transferência e não expulsão devem ser totalmente respeitados", disseram eles em um comunicado postado pelo Ministério das Relações Exteriores saudita na plataforma digital X. Antes, os militares israelenses alertaram que uma evacuação da Cidade de Gaza era "inevitável" em meio a um ataque destinado a destruir o reduto remanescente do Hamas. Famílias fugiram de ataques nos

subúrbios da cidade ontem quinta-feira, os mais recentes deslocamentos em um conflito que já forçou a maioria dos 2 milhões de pessoas que vivem em Gaza a fugir pelo menos uma vez.

A declaração conjunta do Reino da Arábia Saudita e da Itália veio após conversas em Roma entre o ministro das Relações Exteriores do Reino, Príncipe Faisal bin Farhan, e seu homólogo italiano, Antonio Tajani. Ele pediu o fim imediato da guerra em Gaza "em linha com nosso compromisso conjunto de alcançar uma paz justa, segura, abrangente e sustentável no Médio Oriente". Ambos os países exigiram a libertação imediata de todos os reféns e condenaram quaisquer "acções unilaterais ou violentas na Cisjordânia que minem a solução de dois Estados". Eles acrescentaram: "Pedimos acesso irrestrito à assistência humanitária e suprimentos vitais em toda a Faixa de Gaza, bem como a liberação de todas as receitas de liberação palestinas retidas", uma referência aos impostos cobrados pelas autoridades israelenses em nome da Autoridade Palestina que ainda não foram entregues e continuou: "Ressaltamos que quaisquer arranjos pós-guerra devem estar firmemente ligados a uma implementação clara e com prazo determinado de uma solução política que acabe com a ocupação e proporcione uma paz justa e abrangente". Falando, durante uma colectiva de imprensa em Roma, o Príncipe Faisal condenou os ataques israelenses na Cisjordânia ocupada e disse que o Reino concordou com a Itália sobre a importante necessidade de interromper a guerra em Gaza. Antes da visita do Príncipe, a primeira-ministra italiana, Giorgia Meloni, fez uma forte repreensão a Israel após o ataque a um hospital de Gaza na passada segunda-feira, no qual pelo menos 20 pessoas foram mortas, incluindo cinco jornalistas. Ela disse que a guerra de Israel "foi além do princípio da proporcionalidade". Durante a reunião de ontem quinta-feira, os ministros das Relações Exteriores sauditas e italianos também discutiram maneiras pelas quais as relações econômicas e outras entre os dois países podem ser aprimoradas. Tajani elogiou as autoridades sauditas por seus esforços para encorajar a Rússia e os EUA a alinhar suas perspectivas em um esforço para resolver a guerra na Ucrânia, informou a Agência de Imprensa Saudita. **Fonte-Arab News.**

## Liga Mundial Muçulmana e primeiro-ministro da Malásia pedem aos líderes religiosos que se levantem para Gaza



O secretário-geral da Liga Mundial Muçulmana, Dr. Mohammed bin Abdulkarim Al-Issa, à esquerda, e o primeiro-ministro da Malásia, Anwar Ibrahim, participam na Cúpula Internacional de Líderes Religiosos em Kuala Lumpur, Malásia, em 28 de agosto de 2025.

A Liga Mundial Muçulmana e o primeiro-ministro da Malásia organizaram uma conferência de líderes religiosos em Kuala Lumpur ontem quinta-feira para incentivar-lhos a se levantarem e agirem pela paz diante do genocídio em Gaza. A Segunda Cúpula

Internacional de Líderes Religiosos, que reuniu autoridades globais representando todas as principais religiões, foi organizada pelo Gabinete do Primeiro Ministro da Malásia e pela Liga Mundial Muçulmana. Com o tema "O Papel dos Líderes Religiosos na Resolução de Conflitos", foi inaugurado pelo primeiro-ministro da Malásia, Anwar Ibrahim, e pelo secretário-geral da Liga Mundial Muçulmana, Dr. Mohammed bin Abdulkarim Al-Issa.

Durante a cúpula, palestrantes representando comunidades muçulmanas, cristãs, hindus e budistas discutiram o papel dos líderes religiosos no enfrentamento da violência e do conflito, diplomacia religiosa e uma sessão especial sobre o ataque genocida de Israel a Gaza. "Esta cúpula vem para colocar os líderes religiosos diante de uma responsabilidade histórica em relação aos valores de suas respectivas religiões, valores que foram declarados e devem ser aplicados activamente para contribuir para a construção da paz e harmonia globais", disse Al-Issa em seu discurso de abertura.

"O que está acontecendo hoje na Faixa de Gaza - genocídio e fome devastadora testemunhados por toda a comunidade internacional - é um precedente perigoso nos princípios dos direitos humanos. "Desde a emissão da Carta Universal da ONU, nosso mundo nunca viu nada parecido. Infelizmente, isso lança dúvidas sobre a credibilidade dos compromissos internacionais." "Onde está a voz da consciência que representa nossa fé e valores morais ... Temos que nos levantar e os líderes religiosos têm que ser mais assertivos em seus pontos de vista." Cerca de 1.500 convidados participaram na conferência, incluindo 150 delegados estrangeiros de 54 países. A cúpula de 2025 foi o segundo evento internacional realizado pela Liga Mundial Muçulmana na capital da Malásia esta semana. Foi precedido pelo fórum inaugural para estudiosos da jurisprudência islâmica realizado na capital da Malásia pelo Conselho Islâmico Fiqh da Liga Mundial Muçulmana. **Fonte-Arabn News.**

## [\*\*Diplomacia naval: navios da marinha indiana visitam Jeddah\*\*](#)



O embaixador indiano Dr. Suhel Ajaz Khan e o Cônsul Geral Fahad Ahmed Khan Suri com oficiais navais no porto de Jeddah.

Autoridades sauditas e indianas, bem como membros da comunidade indiana local, deram as boas-vindas ao INS Tamal e Surat quando os navios da Marinha indiana chegaram a Jeddah para uma escala no porto na passada quarta-feira. O INS Tamal, uma fragata multifuncional, e o INS Surat, um destroier de mísseis guiados, atracaram no Porto Islâmico de Jeddah de 27 a 28 de agosto como parte de intercâmbios navais regulares entre a Índia e o Reino da Arábia Saudita, disse ontem a Embaixada da Índia e foi recentemente comissionado na Rússia e está a caminho da Índia. É também o último navio de guerra a ser importado pela Marinha Indiana.

O embaixador indiano, Dr. Suhel Ajaz Khan, disse ao Arab News: "Estou muito feliz em receber os dois navios da Marinha indiana na histórica cidade portuária de Jeddah. A visita deles é uma prova do aprofundamento dos laços bilaterais de defesa nos últimos anos. Particularmente, sendo o Reino da Arábia Saudita um dos maiores vizinhos marítimos da Índia, nossa cooperação no domínio militar tem feito progressos constantes, com uma série de actividades conjuntas e intercâmbios entre nossas marinhas. "Como parceiros estratégicos, nossos dois países estão comprometidos em expandir ainda mais a cooperação militar", disse ele. Durante a visita de Estado do primeiro-ministro indiano Narendra Modi a Jeddah em abril de 2025, um novo comitê ministerial de cooperação em defesa foi criado para consolidar e fortalecer a parceria de defesa, disse o embaixador. "Na verdade, hoje tivemos uma reunião muito importante sob este comitê realizada em Nova Delhi, chamada JCDC, onde os DGs preocupados em nossos ministérios da defesa revisaram vários aspectos de nossa parceria de defesa", disse Khan. O programa durante a escala no porto contou com uma série de compromissos oficiais, incluindo interação com a Frota Ocidental, liderança das Forças Navais Reais Sauditas, Guardas de Fronteira Sauditas, região de Meca, familiarização das operações e procedimentos no Centro de Coordenação de Resgate Marítimo de Jeddah e uma partida de futebol com as Forças Navais Reais Sauditas, culminando em um exercício de passagem na partida.

O embaixador indiano ofereceu um jantar de recepção para convidados sauditas e a diáspora local a bordo do INS Tamal na noite de ontem quinta-feira. A Índia e o Reino da Arábia Saudita compartilham relações de defesa abrangentes, nas quais a cooperação naval é um componente importante. As marinhas da Índia e do Reino da Arábia Saudita já realizaram exercícios marítimos conjuntos - Al-Mohed Al-Hindi em 2021 e 2023. No início deste ano, a primeira ronda de negociações entre o estado-maior da marinha também foi realizada. O intercâmbio de oficiais navais e cadetes para treinamento e capacitação ocorre regularmente. Recentemente, uma delegação das Forças Navais Reais Sauditas visitou o IFC-IOR (Centro de Fusão de Informações - Região do Oceano Índico) em Gurugram, Índia, para uma viagem de estudo. **Fonte-Arab News.**

### **Centro Nacional de Meteorologia e Defesa Civil alertam sobre tempestades e chuva no Reino da Arábia Saudita até segunda-feira**

As autoridades sauditas previram tempestades seguidas de chuvas moderadas a fortes em todo o Reino, com o mau tempo previsto para durar até segunda-feira.

O Centro Nacional de Meteorologia previu tempestades moderadas a fortes, levando a inundações repentinas e acompanhadas de granizo e ventos que agitam a poeira em partes das regiões de Najran, Jazan, Asir, Al-Baha, Meca e Medina. Chuva leve a moderada é esperada em partes da Província Oriental, Riade, Granizo e Qassim, com chance de formação de neblina sobre as terras altas do sudoeste nessas áreas.

A Direcção Geral de Defesa Civil emitiu avisos de mau tempo junto com instruções de segurança, enquanto o Reino se prepara para chuvas moderadas a fortes. Ele pediu cautela, pois as tempestades devem continuar na maior parte do Reino até segunda-feira.

A directoria aconselhou o público a evitar vales e áreas propensas a inundações e pediu a adesão a todas as instruções e avisos oficiais transmitidos pela imprensa e demais canais de comunicação. A velocidade do vento sobre o Mar Vermelho será de noroeste a norte a velocidades de até 55 km / h. No Golfo Pérsico, os ventos serão de sudeste a nordeste a velocidades de até 30 km / h. Espera-se que o mar esteja relativamente calmo nessa área, disse o Centro Nacional de Meteorologia. **Fonte-Arab News.**

## Ruanda diz que 07 deportados chegaram dos EUA em agosto sob acordo com Washington



Sete migrantes foram transferidos dos Estados Unidos para o Ruanda em agosto sob um acordo de deportação com os EUA, disseram ontem quinta-feira autoridades do país da África Oriental.

Sete migrantes foram transferidos dos Estados Unidos para o Ruanda em agosto sob um acordo de deportação com os EUA, disseram ontem quinta-feira as autoridades do país da África Oriental. Ruanda disse no início de agosto que aceitaria até 250 deportados dos EUA.

Yolande Makolo, porta-voz do governo ruandês, disse em um comunicado que o "primeiro grupo de sete migrantes examinados chegou a Ruanda em meados de agosto".

Ruanda é um dos quatro países africanos que chegaram a acordos de deportação com Washington, os outros são Uganda, Eswatini e Sudão do Sul. Nenhuma informação foi fornecida sobre as identidades dos deportados enviados para Ruanda este mês. Eles foram "acomodados por uma organização internacional" com visitas da Organização Internacional para as Migrações, bem como representantes dos serviços sociais ruandeses, disse Makolo. "Três dos indivíduos expressaram o desejo de retornar aos seus países de origem, enquanto quatro desejam ficar e construir vidas em Ruanda", disse Makolo. Além da acomodação, os aprovados para assentamento no Ruanda receberão treinamento da força de trabalho e assistência médica, disse ela.

O governo Trump está sob escrutínio pelos países africanos com os quais firmou acordos secretos para receber deportados. Enviou oito homens do Sudão do Sul, Cuba, Laos, México, Mianmar e Vietname para o Sudão do Sul no início de julho, depois que uma decisão da Suprema Corte dos EUA abriu caminho para suas deportações. Os EUA também deportaram cinco homens que são cidadãos do Vietname, Jamaica, Cuba, Iêmen e Laos para o Reino de Eswatini, no sul de África, onde o governo disse que eles serão mantidos em confinamento solitário na prisão por um período indeterminado de tempo.

Uganda também concordou com os EUA para receber migrantes deportados, desde que não tenham antecedentes criminais e não sejam menores desacompanhados. Autoridades dos EUA disseram que querem deportar Kilmar Abrego Garcia, um detento de alto perfil, para o Uganda. **Fonte-Arab News.**

## [Europeus lançam processo de sanções da ONU contra o Irão](#)



**Uma bandeira nacional do Irão tremula em frente ao prédio da Agência Internacional de Energia Atômica, AIEA, em Viena, Áustria.**

Grã-Bretanha, França e Alemanha lançaram ontem quinta-feira um processo de 30 dias para reimpor sanções da Organização das Nações Unidas (ONU) ao Irão por causa de seu programa nuclear, um passo que deve alimentar tensões dois meses depois que Israel e os Estados Unidos bombardearam o Irão. Um alto funcionário iraniano rapidamente acusou as três potências europeias de prejudicar a diplomacia e prometeu que Teerão não se curvaria à pressão sobre a decisão do E3 de lançar o chamado "mecanismo de retorno".

As três potências temiam que, de outra forma, perderiam a prerrogativa em meados de outubro de restaurar as sanções a Teerão que foram suspensas sob um acordo nuclear de 2015 com potências mundiais.

O ministro das Relações Exteriores da França, Jean-Noel Barrot, disse que a decisão não sinaliza o fim da diplomacia. Seu homólogo alemão, Johann Wadephul, pediu ao Irão que agora coopere totalmente com a agência de vigilância nuclear da ONU e se comprometa a negociações directas com os Estados Unidos no próximo mês.

Um alto funcionário iraniano disse à Reuters que a decisão foi "ilegal e lamentável", mas deixou a porta aberta para o engajamento. "A medida é uma acção contra a diplomacia, não uma chance para ela. A diplomacia com a Europa continuará", disse o funcionário, acrescentando: "O Irão não cederá sob pressão".

O Conselho de Segurança da ONU deve se reunir hoje sexta-feira a porta fechada, a pedido do E3, para discutir o movimento de retorno contra a República Islâmica, disseram diplomatas. O Irã e o E3 realizaram várias rondas de negociações desde que Israel e os EUA bombardearam suas instalações nucleares em meados de junho, com o objectivo de concordar em adiar o mecanismo de retorno. Mas o E3 considerou que as negociações em Genebra na passada terça-feira não produziram sinais suficientes de prontidão para um novo acordo do Irão.

## **Frustração crescente no Irão,**

O processo da ONU leva 30 dias antes que as sanções que atingiram os sectores financeiro, bancário, de hidrocarbonetos e de defesa do Irão sejam restauradas.

A Rússia e a China, aliados estratégicos do Irão, finalizaram ontem quinta-feira um projecto de resolução do Conselho de Segurança que estenderia o acordo nuclear de 2015 por seis meses e pediria a todas as partes que retomassem imediatamente as negociações. Mas eles ainda não pediram uma votação. O espectro de novas sanções está provocando frustração no Irão, onde a ansiedade econômica está aumentando e as divisões políticas estão se aprofundando, disseram três fontes próximas ao governo.

Os líderes iranianos estão divididos sobre como responder - com linhas-duras antioccidentais pedindo desafio e confronto, enquanto os moderados defendem a diplomacia. O Irão vem enriquecendo urânio a até 60% de pureza, um pequeno passo em relação aos cerca de 90% de grau de bomba, e tinha material enriquecido suficiente a esse nível, se refinado ainda mais, para seis armas nucleares, antes que os ataques aéreos de Israel começassem em 13 de junho, de acordo com a AIEA, a agência nuclear da ONU. O Ocidente diz que o avanço do programa nuclear do Irão vai além das necessidades civis, enquanto Teerão diz que quer energia nuclear apenas para fins pacíficos. **Fonte-Reuters.**

## **Kallas diz que "temos 30 dias" para encontrar solução nuclear para o Irão**



A chefe de política externa da UE, Kaja Kallas, disse hoje sexta-feira que as próximas semanas oferecem uma "oportunidade" para encontrar uma solução diplomática sobre o programa nuclear do Irão.

A chefe de política externa da União Europeia, Kaja Kallas, disse hoje sexta-feira que as próximas semanas oferecem uma "oportunidade" para chegar a uma solução diplomática sobre o programa nuclear do Irão, depois que as potências europeias acionaram um prazo de 30 dias para que as sanções voltem a vigorar.

"Estamos entrando em uma nova fase com esses 30 dias que agora também nos dão a oportunidade de realmente encontrar maneiras diplomáticas para uma solução", disse Kallas a jornalistas. "Temos esses 30 dias para resolver as coisas", acrescentou. A Rússia condenou a decisão de lançar um processo que poderia reimpor sanções da ONU ao Irão por seu programa nuclear, dizendo que era absurdo culpar apenas Teerão pelo colapso do acordo nuclear de 2015. Isso ocorreu após semanas de advertências sobre as

supostas violações do acordo de 2015 com as potências mundiais para conter seu programa nuclear. As sanções foram suspensas sob o acordo.

O Irão alertou que "responderá adequadamente" à medida, que corre o risco de encerrar o esforço diplomático mais sustentado em anos por uma solução pacífica para a crise nuclear iraniana. Mas as Nações Unidas também disseram que os próximos 30 dias representam uma "janela de oportunidade" para fechar um novo acordo.

O ministro das Relações Exteriores da França, Jean-Noel Barrot, disse que "a escalada nuclear do Irão não deve ir mais longe", mas enfatizou que a medida "não sinaliza o fim da diplomacia". **Fonte-Reuters**.

## Emirados Árabes Unidos se unem à campanha global antidrogas



Foi a segunda vez que membros da Aliança Internacional de Segurança realizaram uma operação desse tipo contra grupos criminosos internacionais.

Os Emirados Árabes Unidos aderiram a uma campanha antidrogas multinacional de dois meses que apreendeu 822 toneladas de drogas ilegais no valor de US\$ 2,9 bilhões, informou a agência de notícias estatal.

De 10 de junho a 7 de agosto, a operação viu 12.564 suspeitos presos em todo o mundo. Foi a segunda vez que membros da Aliança Internacional de Segurança realizaram uma operação desse tipo contra grupos criminosos internacionais. Outros estados membros da Aliança Internacional de Segurança que participaram na operação incluíram Bahrein, Marrocos, Espanha e França.

Havia também membros da Organização Policial Americana e da Agência da União Europeia para Cooperação Policial, bem como pessoal da Jordânia, envolvidos na operação. A cooperação transfronteiriça permitiu a colecta de informações sobre novas redes criminosas, o intercâmbio de conhecimentos sobre métodos de contrabando de drogas e a unificação de esforços no combate aos narcóticos, o que melhorou a preparação conjunta e desenvolveu mecanismos proativos para combater e controlar o movimento de drogas ilegais.

A estrutura da ISA foi estabelecida em 2017 pelos Emirados Árabes Unidos e pela França para aprimorar a cooperação e construir parcerias para abordar questões de importância global, particularmente o combate ao crime organizado transnacional. **Fonte- agência de notícias WAM.**

## Por que Israel ataca jornalistas em Gaza



**HANI HAZAIMEH**

**28 de agosto de 2025**



**Ao cortar os contadores de histórias em Gaza, Israel busca cortar a história.**

Quando as guerras eclodem, os jornalistas costumam ser as primeiras vítimas – nem sempre em termos de danos físicos, mas no silenciamento de sua capacidade de testemunhar. Em Gaza, no entanto, a guerra contra o jornalismo não é acidental. É sistemática, deliberada e persistente.

Desde o início do conflito actual, dezenas de jornalistas palestinos foram mortos, muitos outros feridos ou detidos e instalações de imprensa transformadas em escombros. As repetidas acções de Israel contra repórteres levantam uma questão fundamental: por que um Estado que insiste que está "defendendo a democracia" vai tão longe para reprimir aqueles encarregados de dizer a verdade?

A resposta está no poder da narrativa. As guerras não são travadas apenas com armas; eles são travados com histórias, imagens e a formação da percepção pública. Nessa área, Israel sempre esteve ciente de que sua capacidade de manter o apoio internacional -

especialmente nas capitais ocidentais - depende do controle do fluxo de informações. Gaza representa uma ameaça directa a essa estratégia.

A realidade da vida sitiada - hospitais bombardeados, famílias famintas, deslocamento em massa - contradiz a narrativa cuidadosamente elaborada de Israel de precisão cirúrgica e autodefesa. Jornalistas, especialmente repórteres palestinos locais, expõem essas contradições em tempo real, desmantelando a propaganda estatal com imagens cruas demais para serem ignoradas.

Os jornalistas palestinos são a espinha dorsal da linha de vida da informação de Gaza. Ao contrário dos correspondentes estrangeiros, que muitas vezes trabalham de longe ou com acesso restrito, os repórteres locais vivem a realidade que cobrem. Eles conhecem os bairros, as famílias, os ritmos da vida cotidiana. Quando as bombas caem, eles são os primeiros a chegar - não apenas como profissionais, mas como membros da comunidade. Seu trabalho carrega autenticidade que nenhum comunicado de imprensa ou declaração oficial pode ofuscar.

Para Israel, essa autenticidade é perigosa. Os testemunhos dos jornalistas de Gaza revelam não apenas a destruição da infraestrutura, mas a face humana da guerra: crianças enterradas sob os escombros, mães chorando seus mortos, médicos desmaiando de exaustão. Essas imagens evocam empatia e indignação em todo o mundo. Silenciar essas vozes é apagar a possibilidade de responsabilização.

É por isso que tantos jornalistas palestinos foram mortos enquanto usavam coletes de imprensa claramente marcados, porque os escritórios da imprensa foram reduzidos a pó e porque a infraestrutura de comunicação em Gaza foi repetidamente desativada. Ao cortar os contadores de histórias, Israel procura cortar a história.

A estratégia de silenciamento se estende além das fronteiras de Gaza. Israel restringiu consistentemente o acesso de jornalistas internacionais ao enclave, citando "preocupações de segurança". Na prática, isso significa que grande parte das reportagens do mundo sobre Gaza depende de declarações oficiais israelenses ou do trabalho de repórteres palestinos que estão sob fogo. O resultado é um ambiente de imprensa distorcido em favor de narrativas controladas pelo Estado.

Quando os meios de comunicação internacionais obtêm acesso, muitas vezes enfrentam intensa pressão, escrutínio ou assédio directo. Correspondentes estrangeiros falaram de estarem sob supervisão militar israelense, limitando sua capacidade de reportar de forma independente. Outros relatam ter sido difamados ou atacados online por grupos de lobby pró-Israel sempre que publicam material crítico à conduta israelense. Esse clima de intimidação promove a autocensura, garantindo que, mesmo quando Gaza é coberta, muitas vezes é através de uma lente diluída.

No centro desta guerra contra os jornalistas está o medo - não o medo do terrorismo, como Israel costuma afirmar, mas o medo da responsabilização. A documentação é o primeiro passo para a justiça. Imagens, relatos de testemunhas oculares e relatórios de campo formam a espinha dorsal das investigações sobre crimes de guerra e violações dos direitos humanos. O Tribunal Penal Internacional e outros órgãos se baseiam em tais evidências para determinar a culpabilidade. Cada história apresentada por um jornalista de Gaza é um testemunho em potencial no futuro.

Israel sabe disso. O assassinato de jornalistas e a destruição de arquivos de imprensa servem não apenas a um propósito militar imediato, mas a um propósito legal de longo prazo: apagar o rastro de papel. Nesse sentido, silenciar o jornalismo não é um dano colateral; é o controle preventivo de danos.

A resposta global ao ataque a jornalistas em Gaza expõe um padrão duplo flagrante. Quando um jornalista é detido na Rússia ou quando os meios de comunicação são censurados na China, os governos ocidentais emitem duras condenações. No entanto, quando jornalistas palestinos são mortos em Gaza, a reacção é muitas vezes silenciada, expressa em linguagem vaga sobre "os riscos de reportagens de guerra". Essa inconsistência não passa despercebida ao público árabe, que a vê como prova de que os chamados defensores da liberdade de imprensa aplicam seus princípios selectivamente, dependendo de quem é o infractor.

Esse padrão duplo enfraquece a credibilidade da defesa internacional dos direitos humanos e encoraja os governos em todo o mundo a tratar a imprensa como dispensável. Se Israel pode matar jornalistas impunemente, o que impede outros estados de seguirem o exemplo?

A guerra de Israel contra o jornalismo em Gaza não é apenas uma questão local. É global. Os princípios em jogo – liberdade de imprensa, responsabilidade, direito à verdade – formam a base da ordem internacional. Se estes são erodidos em Gaza, eles são erodidos em todos os lugares.

Além disso, o ataque sistemático a jornalistas aprofunda a catástrofe humanitária. Quando a imprensa não pode operar livremente, as organizações humanitárias lutam para aumentar a conscientização, os formuladores de políticas carecem de informações confiáveis e o sofrimento dos civis é prolongado. Silenciar jornalistas não interrompe a crise; ele a amplia.

A comunidade internacional deve quebrar o ciclo de silêncio. Isso começa com o reconhecimento do assassinato de jornalistas em Gaza pelo que é: uma violação do direito internacional e um ataque deliberado à liberdade de imprensa. A ONU, a Federação Internacional de Jornalistas e grupos de defesa como a Repórteres Sem Fronteiras já soaram alarmes. Mas as declarações não são suficientes. Deve haver investigações independentes, mecanismos de responsabilização e consequências para aqueles que obstruem a imprensa livre.

Igualmente importante, as organizações de imprensa em todo o mundo devem se solidarizar com seus colegas em Gaza. Isso significa amplificar suas vozes, compartilhar suas reportagens e recusar-se a permitir que a propaganda estatal os abafe. Significa também enfrentar a pressão de grupos de lobby e interesses políticos e reafirmar a missão central do jornalismo: buscar a verdade e relatá-la, por mais inconveniente que seja.

Em Gaza, o próprio jornalismo se tornou uma forma de resistência – não resistência por meio da violência, mas por meio da verdade. Cada artigo arquivado, cada fotografia compartilhada e cada transmissão ao vivo transmitida sob bombardeio representa um desafio contra os esforços para apagar a história de um povo.

O ataque sistemático de Israel a jornalistas reflecte a sua consciência de que as guerras são perdidas não apenas no campo de batalha, mas na arena da opinião global. Ao silenciar os cronistas do sofrimento de Gaza, busca vencer uma guerra de narrativas. Mas a história sugere o contrário. As tentativas de suprimir a verdade muitas vezes a tornam mais poderosa. Quanto mais Israel tenta impedir que o mundo veja Gaza, mais o mundo exige ver.

A verdadeira questão, então, não é se Israel continuará a atacar jornalistas. Vai. A questão é se a comunidade internacional – e a própria profissão de jornalismo – permitirá que tais ataques sejam bem-sucedidos.

Porque quando o jornalismo morre em Gaza, ele não morre sozinho. Leva consigo a esperança de justiça, a possibilidade de paz e a própria ideia de que a verdade ainda importa em um mundo cada vez mais dominado pela propaganda.

**Hani Hazaimeh** é editor sênior baseado em Amã. X: @hanihazaimeh

**Isenção de responsabilidade:** A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.

